

**Apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento
e sua importância para uma adequada
compreensão do cristianismo primitivo e
do Novo Testamento**

**Apocrypha and Pseudepigrapha of the
Old Testament and their importance for
an adequate understanding of early
Christianity and the New Testament**

José Roberto do Nascimento¹

RESUMO

Este artigo destaca a importância da literatura apócrifa e pseudepígrafa do Antigo Testamento para uma adequada compreensão do cristianismo primitivo e do Novo Testamento. Esta literatura é fruto do judaísmo do Segundo Templo com seu caráter fragmentário e plural. Este período é significativo, pois o cristianismo nasceu no contexto da religião judaica, a qual, sob a influência de diversos sistemas político-culturais antagônicos e uma pluralidade religiosa, assimilou e desenvolveu novas tradições àquelas de Israel e Judá. Ignorar a produção literária deste período e buscar fundamentação e compreensão do ambiente do Novo Testamento e do cristianismo primitivo voltando-se unicamente aos textos do Antigo Testamento é um erro que tem como consequência uma compreensão míope do complexo mosaico da fé cristã em seus primórdios.

¹ Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), membro do grupo de pesquisa LEPRALISE – Leitura Pragmático-Linguística das Sagradas Escrituras (CNPq). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.

PALAVRAS-CHAVE

Apócrifos. Pseudepígrafos. Cristianismo Primitivo.

ABSTRACT

This paper highlights the importance of Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament to a proper understanding of Early Christianity and the New Testament. This kind of literature is a product of the Second Temple Judaism with its fragmented and plural character. This period is significant because Christianity was born in the context of the Jewish religion, which under the influence of various antagonistic political and cultural systems and religious plurality, assimilated and developed new traditions to those of Ancient Israel and Judah. So, to ignore the vast literary production of this period and seek foundation and understanding of the New Testament and early Christianity turning only to the Old Testament environment is a mistake that results a myopic understanding of the complex mosaic of Christian faith in their beginnings.

KEYWORDS

Apocrypha. Pseudepigrapha. Early Christianity.

Introdução

O livro dos Atos dos Apóstolos nos informa que as primeiras comunidades que posteriormente seriam denominadas cristãs surgiram no contexto da fé judaica. Foi na festa judaica de Pentecostes que houve a descida do Espírito Santo (At 2,1). Jesus de Nazaré e seus primeiros discípulos seguiam o Judaísmo. Conhecer a religião judaica daquele contexto não é mera opção para o pesquisador dos primórdios do Cristianismo; é, antes, fundamental. Não se pode entender o Cristianismo Primitivo de forma adequada sem conhecer o Judaísmo do Segundo Templo e sua ampla literatura. Henze argumentou que o movimento inicial de Jesus não emerge do Antigo Testamento, mas do judaísmo do Segundo Templo².

² HENZE, Matthias. *Os Pseudepígrafos do Antigo Testamento Hoje: os antigos escritos de Israel na pesquisa moderna*, em NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza.

É importante salientar que o Judaísmo não era exatamente a mesma religião dos Antigos Israel e Judá da era pré-exílica e, portanto, buscar as raízes do Cristianismo Primitivo unicamente na religião dos Antigos Israel e Judá é um erro. Segundo Tassin, este é um esquema errado³. Para ele, a personalidade de Jesus e de suas testemunhas é forjada pela herança histórica reunida pela era pós-exílica, esta época de localização de um judaísmo antigo do qual não podemos fazer abstrações para chegar a atingir a fisionomia histórica de Jesus⁴. Comentando sobre a literatura do segundo templo, Díez Macho afirma que sem as informações que tais obras proporcionam tão pouco é possível compreender em profundidade o Novo Testamento nem investigar com êxito muitos de seus problemas⁵.

Em segundo lugar, o Judaísmo do Segundo Templo não era uniforme, mas, uma complexa rede de movimentos com ideologias e teologias conflitantes. A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto no século XX lançou nova luz sobre esses movimentos. Diante dos Pseudepígrafos do Antigo Testamento e dos Manuscritos do Mar Morto, Neusner argumenta que já não é possível falar de Judaísmo no singular, mas que devemos falar de Judaísmos⁶. Os Judaísmos desse período produziram uma enorme quantidade de literatura às quais causaram forte impacto na teologia judaica e posteriormente cristã. Qual foi a importância e influência dos apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento no Cristianismo Primitivo e nos textos do Novo Testamento? Para Fernández, estes textos são muito ricos como chave hermenêutica de numerosas passagens neotestamentárias⁷, além de contribuir significativamente para ampliarmos o

Apocrificidade. O Cristianismo Primitivo para além do Cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 55.

³ TASSIN, Claude. *O Judaísmo, do exílio ao tempo de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 8.

⁴ TASSIN, 1998, p. 8.

⁵ DÍEZ MACHO, Alejandro, *Introducción General a Los Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984, p. 97.

⁶ NEUSNER, Jacob. citado em HENZE, Matthias. *Os Pseudepígrafos do Antigo Testamento Hoje: os escritos do antigo Israel na pesquisa moderna*, em NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Apocrificidade*, O Cristianismo Primitivo para além do Cânon. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 53-54.

⁷ FERNÁNDEZ, Miguel Pérez. *Literatura Judaica Intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 12.

conhecimento do contexto histórico, político e religioso desses Judaísmos e sua influência na formação do Cristianismo Primitivo.

1. Literatura judaica do Segundo Templo

A vasta literatura judaica no período do Segundo Templo fornece um quadro político-religioso de alta complexidade. Maier sublinha que, pela larga dispersão geográfica e pela variação nos ambientes das diversas comunidades judaicas da Diáspora, não era possível esperar uma uniformidade religiosa⁸. Essa diversidade política-religiosa refletiu-se também na literatura. Foram séculos de produção literária em diversos gêneros e línguas que tinham por finalidade expressar, difundir e fortalecer as diversas ideologias e teologias dos grupos existentes. Schürer faz uma divisão entre literatura judaica em hebraico ou aramaico, as de língua grega e as que há dúvidas quanto a língua do texto original⁹.

Para a literatura em hebraico ou aramaico, Schürer faz as seguintes divisões: *Historiografia* (1 Macabeus, A história de João Hircano, e história da guerra judaica de Josefo), *Poesia Religiosa* (salmos macabaicos, Salmos apócrifos, 1 salmo de Salomão), *Literatura Sapiencial* (Jesus Sirácida, literatura sapiencial provenientes de Qumrã e Pirque Abot), *Contos didáticos e parentéticos* (livro de Judite, livro de Tobias, história de Agar), *Pseudepígrafos proféticos-apocalípticos* (livro de Daniel e Henoc Etíope e apêndice 3 Henoc, Assunção ou Testamento de Moisés, Apocalipse de Abraão, Crônicas de Jeremias, 4 Esdras e Profecia pseudepígrafes de Qumrã), *Midrash Bíblico* (livro de Jubileus, apócrifo de Gênesis de Qumrã, livro da antiga biblioteca do Pseudo-Fílon, livro de Noé, Testamento de Coate, Testamento de Arão, Apócrifo de Samuel, Martírio de Isafas, fragmentos apócrifos), *Livros de encantamentos e magia* (Sefer há-Razim – livro de mistérios, A espada de Moisés etc), *Os escritos da Comunidade de Qumrã* (a regra

⁸ MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 307.

⁹ SCHÜRER, Emil. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo di Gesù Cristo*. Brescia: Paideia Editrice, 1997, p. 12-15.

da comunidade, interpretações bíblicas, poesias e textos litúrgicos)¹⁰. Para a literatura judaica de língua grega, Schürer segue as seguintes divisões: *Tradução da Bíblia Canônica* (Setenta, Áquila e Teodósio), *Traduções gregas de textos semíticos das Escrituras*, *Literatura em prosa no passado* (Demétrio, Aristeas o Exegeta, Teófilo, direito de Tiberíades entre outros), *Poesia épica e dramática* (poeta épico Fílon, Teodoto, Ezequiel o Trágico), *Filosofia* (Sabedoria de Salomão, Aristóbulo, Fílon, 4 livro dos Macabeus), *Apologética* (oposições literárias, Lisímaco, Apião, apologética judaica entre outros), *Escritos Judaicos sob pseudônimos pagãos* (Oráculos Sibilinos, versos falsificados de poetas gregos, o Pseudo-Aristeas, entre outros).

Schürer relaciona as literaturas judaicas em que a língua original é incerta seguindo as seguintes divisões: *Revisão e Complemento da Literatura Bíblica* (Esdras grego, acréscimo a Ester, acréscimo a Daniel, Oração de Manassés, Livro de Baruc, Carta de Jeremias), Apocalipses Pseudepígrafos (Enoch eslavo, apocalipse siríaco de Baruc), *Midrash Bíblico* (vida de Adão e Eva, Testamento dos doze patriarcas, Testamento de Abraão, Livro de James e Jambre, Vida dos profetas entre outros). ROST estabelece a seguinte divisão para os Pseudepígrafos: *do judaísmo helenístico do Egito*: a carta de Aristéias, o 3º e o 4º livro de Macabeus, o livro eslavo de Henoc e os Oráculos Sibilinos. *Da Síria*: O apocalipse grego de Baruc. *Dos círculos dos fariseus da Palestina*: Os Salmos de Salomão, 4º Esdras e o Apocalipse siríaco de Baruc. *Da esfera de influência grega do grupo de Qumran*: o livro dos Jubileus, o livro etíope de Henoc, os testamentos dos Doze Patriarcas, a Assunção de Moisés, o Martírio de Isaías e a Vida de Adão e Eva. *As descobertas dos manuscritos de Qumran*: A Regra da Associação, Documento de Damasco, A Regra da Guerra, O Peshet de Habacuc, Apócrifo de Gênesis, Os cânticos de Louvor (Hôdayôt) e o Rolo do Templo¹¹. Percebe-se com isso, que o período do Segundo Templo foi de grande atividade literária que demonstra a diversidade religiosa judaica deste período e dá para

¹⁰ Para uma descrição completa dos livros de magia e os da Comunidade de Qumrã veja a lista completa em SCHÜRER, 1997, p. 12-14.

¹¹ ROST, L. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 210.

imaginar o impacto que esta diversidade religiosa teria na formação e desenvolvimento do Cristianismo Primitivo.

2. Apócrifos e Pseudepígrafos: definições

Henze faz o seguinte comentário sobre esses termos: Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento são usados com frequência hoje em dia, mas muitas vezes sem uma definição clara¹². O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento em seu Glossário Temático assim define o termo apócrifo: (do grego *apokrypto*, esconder; *apokryphos*, pl, -a, escondido, secreto). Originalmente, escritos obscuros e secretos que não eram para serem lidos em voz alta durante o culto público. Mais tarde, enquanto o cânon foi-se fixando, o termo apócrifo adquiriu um sentido depreciativo, significando as obras que foram rejeitadas como não canônicas. O emprego do adjetivo apócrifo para indicar os livros que agora são assim designados (mormente os livros que estão na LXX, mas não no TM), originou-se com Jerônimo [342-420 d.C.], Prólogo Galeatus aos livros de Samuel). Estes são os livros que, conforme ele diz, em seu prólogo aos livros de Salomão, a igreja lê para edificação do povo, não para confirmar a autoridade dos dogmas eclesiásticos¹³. O mesmo dicionário define o termo Pseudepígrafos assim: (Gr. ou *pseudos*, falsidade, ou *pseudes*, falso; *epigraphe*, endereço, título). Escritos judaicos pós-canônicos que foram publicados com um título ou nome falso (conforme sugere a tradução literal desse título). No sentido mais lato, inclui a totalidade dos escritos não canônicos escritos entre 200 a.C. e 100 d.C. Assim sendo, formam uma ponte entre o AT e o NT. A distinção entre Apócrifos e Pseudepígrafos não é bem delineada, sendo que obras pseudônimas ocorrem nos apócrifos¹⁴.

Segundo Pérez, consideram-se livros apócrifos do Antigo Testamento as obras da literatura judaica dos séculos II e I a.C. e dos séculos I

¹² HENZE, 2015, p. 39-40.

¹³ COENEN, Lothar; BROWN, Colin, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 2000, p. LII

¹⁴ COENEN; BROWN, 2000, p. LXXIV

e II d.C. que contêm temas relacionados, de alguma forma, com o Antigo Testamento e não se encaixam em um *corpus* determinado, nem podem atribuir-se a autor conhecido¹⁵. Henze usa os termos da seguinte maneira aplicados ao Antigo Testamento: Apócrifos do Antigo Testamento são livros judaicos que estão preservados nos manuscritos das Bíblias grega (Septuaginta) e latina (Vulgata), mas não na Bíblia Hebraica, que foram escritos durante o período do Segundo Templo, num espaço de aproximadamente 400 anos, entre a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., e a destruição do Templo de Jerusalém, em 70 d.C.¹⁶.

O termo “Pseudepígrafos” é definido por Henze desta forma: do grego *pseudes*, que significa “mentiroso, não verdadeiro, falso, e *epigraphé*, que significa título [de uma obra] ou atribuição. A palavra pseudepígrafia descreve, então, certa prática de composição textual difundida na Antiguidade tardia, segundo a qual um texto era falsamente atribuído a uma pessoa respeitada do passado¹⁷.

3. Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e sua relação com o Novo Testamento e o cristianismo primitivo

A fonte primária para o estudo do cristianismo primitivo é o Novo Testamento. Porém, se quisermos ter uma visão adequada da religiosidade judaica no período do Novo Testamento é necessário voltar aos Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento. K. Berger insiste que qualquer tentativa de leitura do Novo Testamento sem o conhecimento da literatura pseudepígrafa e de Qumrã tende a tornar-se uma leitura míope¹⁸.

A necessidade de conhecermos os Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento não é modismo, mas urge diante de declarações do próprio Novo Testamento. Citações clássicas como as de Judas (v. 9) sobre a disputa pelo corpo de Moisés pelo Arcanjo Miguel e o Diabo

¹⁵ PÉREZ, Gonzalo Aranda. *Apócrifos do Antigo Testamento*, em *Literatura Judaica Intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000, p. 219.

¹⁶ HENZE, 2015, p. 40.

¹⁷ HENZE, 2015, p. 41.

¹⁸ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Apocrioficidade, o Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 15.

(Judas 14,15), sobre a profecia de Enoque, a citação de Paulo em 2 Tm 3.8 sobre a oposição de Jannes e Jambres a Moisés e a referência do juízo dos anjos em 2 Pe 2,4 precisam de explicações, pois não encontramos estas citações no Antigo Testamento. Digno de explicação é o seguinte questionamento: como explicar a presença de vinho na *Pessach* no Novo Testamento sendo que a prescrição era que tirasse tudo que fosse “levedado” do meio do povo? (Ex 12,15).

A seguir, comentamos brevemente sobre alguns apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento que o Novo Testamento faz alusão direta ou indiretamente, demonstrando que estas literaturas não podem ser ignoradas para a compreensão dos primórdios e desenvolvimento da fé cristã.

3.1 Henoc Etíope (ou 1 Enoque)

O *Livro de 1 Enoque* é um pseudepígrafo que foi publicado em etíope, no início do século dezenove, provavelmente escrito no século II a. C.¹⁹ Na verdade, 1 Enoque não é apenas uma obra, mas uma grande coleção de escritos apocalípticos que há tempos se distinguem cinco composições separadas: o livro dos Vigilantes (caps 1-36), as Similitudes (caps. 37-71), o Livro Astronômico (72-82), o Livro dos Sonhos (caps. 83-90) e a Epístola de Enoque (caps. 91-108)²⁰. Collins nos informa que nenhuma seção de 1 *Enoque* como hoje o temos pode ser datada de antes da era helenística, apesar de sem dúvidas beber de tradições mais antigas²¹. Gn 5,18-24 relata a história de Enoque, homem que andou com Deus e que foi levado aos céus por Deus. Este relato fez de Enoque uma figura de grande importância dentro da tradição judaica, pois, uma vez que Enoque foi tomado por Deus, ele estava apto a ser o revelador dos mistérios celestiais; além disso, era mais antigo que Moisés e poderia servir como autoridade para uma revelação superior a de Moisés²².

Schürer comenta que Enoque ocupa, juntamente com Elias, uma posição singular, pois se diz dele que foi transportado diretamente da

¹⁹ SCHÜRER, 1997, p. 333.

²⁰ COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica*, Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Editora Paulus, 2010, p. 75.

²¹ COLLINS, 2010, p. 76.

²² COLLINS, 2010, p. 80.

terra para o céu, fazendo dele, um personagem apto para comunicar ao mundo as revelações divinas, pois seu status era de alguém que falava direto com Deus²³. O Livro de Enoque tem sido considerado quase que unanimemente como uma das fontes mais importantes para conhecer o mundo teológico judaico imediatamente anterior ao cristianismo²⁴. Na opinião de Charles, o Livro de Enoque é para a história do desenvolvimento teológico o mais importante pseudepígrafo dos dois primeiros séculos a.C.²⁵ O cristianismo primitivo sofreu forte influência desta atmosfera teológica do judaísmo assimilando e reelaborando muito de seus conceitos teológicos. A citação de 1 Enoque por Judas – um texto canônico do Novo Testamento – demonstra seu prestígio na comunidade cristã primitiva.

O conteúdo de 1 Enoque divide-se da seguinte maneira²⁶: Introdução (caps.1-5) trata do anúncio do juízo futuro, onde Deus irá deixar os céus para julgar o mundo castigando os maus e premiando os justos. A primeira parte (caps. 6-36) relata sobre o Livro dos Vigilantes (6-16) e as Viagens de Enoque (17-36). O Livro dos Vigilantes comenta a queda dos anjos, quando duzentos anjos abandonam os céus atraídos pela beleza das mulheres, se unem a elas e concebem os gigantes. Estes ensinam aos homens todas as classes de mistérios fazendo-os se perderem. Maltratados pelos gigantes, os homens clamam aos céus e, por uma intercessão dos quatro arcanjos, Deus traz juízo a estes anjos. Neste relato é também anunciado o reino de Deus: depois da destruição de toda maldade, os justos viverão dias de paz e a iniquidade não reinará mais sobre a terra (6-11). Na primeira viagem de Enoque, ele contempla as origens da luz, raios, trovões e o lugar final do castigo dos anjos que haviam desobedecido. Em sua segunda viagem (20-36) se esclarece os nomes e funções dos sete arcanjos; vê outra vez a prisão dos anjos e o sheol ou quadrupla permanência das almas antes do juízo final. Recorre aos quatro cantos cardiais, contempla Jerusalém no centro da terra, a *geena* ou lugar de

²³ SCHÜRER, 1997, p. 333.

²⁴ Díez Macho, Alejandro. *Introducción General a Los Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984, p.13.

²⁵ CHARLES, R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Berkeley: Apocryphile Press, 2004, p. 163.

²⁶ Díez Macho, 1984, p. 13-15.

condenação dos maus, o paraíso terrestre e as portas por onde saem os ventos e se produzem o por do sol e o acaso dos astros.

A segunda parte (caps. 37-71) é o Livro das Parábolas²⁷. *Primeira parábola* (38-44): Novas ameaças contra os pecadores. Enoque é trasladado ao extremo do céu e contempla as mansões dos justos, dos anjos e do Messias. Um anjo de paz lhe explica os nomes e ofícios dos quatro arcanjos. Contempla segredos da natureza: raios, trovões, ventos, nuvens, sol e lua. Enoque compara, em uma alegoria, as diferentes salas da Sabedoria e da Justiça. *Segunda parábola* (45-57): Deus anuncia a Enoque a transformação do céu e da terra nos tempos messiânicos. O vidente contempla o “Princípio de dias” (Deus) e o Filho do Homem (o Messias) e descreve a função deste e suas qualidades, tais como a sabedoria e a justiça. Sete montes representam os reinos da terra que pereceram diante do Messias. Os reis suplicam em vão; os anjos castigadores preparam os instrumentos de tortura. Produz-se o último ataque contra Jerusalém, das potências mundanas, que são destruídas. O vidente contempla o regresso da diáspora judaica à sua pátria. *Terceira parábola* (58-69): diversas notícias sobre a felicidade dos justos no céu, sobre fenômenos celestes (outra vez raios e trovões); uma visão de Noé; sobre o Leviatã e o gigante, dos grandes monstros criados por Deus como representantes das forças naturais e executores de seu castigo. Juízo contra os poderosos da terra, que suplicam em vão. Queda dos anjos; dilúvio, salvação de Noé; juízo contra os anjos caídos. Como apêndice, assunção de Enoque ao céu e declaração de que profeta é (tipo de?) o Filho do Homem²⁸. A terceira parte (72-82) é o Livro do curso dos luminares do céu, a quarta parte (83-90) relata os Sonhos de Enoque antes de tomar uma mulher. A quinta parte (91-105) o Livro dos ensinamentos e castigos (Epístola de Henoc) e a seguir a conclusão (106-108): Fragmentos de um Apocalipse de Noé e última exortação de Enoque: castigo dos pecadores e recompensa dos justos²⁹.

Charles comenta que o Livro de Enoque tem um valor incomensurável como sendo praticamente os únicos memoriais históricos do desenvolvimento religioso do judaísmo de 200 a.C. a 100 A.D.,

²⁷ DÍEZ MACHO, 1984, p. 13-15.

²⁸ DÍEZ MACHO, 1984, p. 14-15.

²⁹ DÍEZ MACHO, 1984, p. 15.

e particularmente do desenvolvimento desse lado do judaísmo, para o qual historicamente a cristandade em grande parte deve sua existência³⁰. Diéz Macho comenta em sua introdução ao Livro de 1 Enoque a importância do conteúdo teológico deste livro para a teologia judaica posterior. Ele enfatiza as mudanças das concepções teológicas em relação ao Antigo Testamento:

A) Sobre Deus

Chama a atenção o título (que se repete uma centena de vezes) do “Senhor dos Espíritos” que lhe outorga o Livro das parábolas. No conjunto do texto, mais que o aspecto misericordioso, o autor acentua sua extrema justiça, apresentando Deus em algumas ocasiões regozijando com a ruína do pecador (94,10).

B) Sobre os Anjos

Estes seres existem desde a eternidade (14,1). Dividem-se em duas classes: fiéis e caídos. Os primeiros que recebem vários nomes (santos – 47,2; espíritos – 69,12), são os que formam o exército celeste (60,1/61,10). Entre outras funções, servem de intermediários entre Deus e os anjos maus, o mundo e o homem, são os encarregados de escreverem nos diferentes livros (“da vida”/dos prêmios e castigos) as ações dos homens (104,1) e executam os castigos de Deus contra seus colegas perversos (10,4.5). Com uma concepção um tanto parecida ao animismo babilônico, são os anjos os encarregados de guiar as estrelas (82,10), até quase confundir-se com elas (18,13-16/21,3-6). Entre estes espíritos destacam-se os arcanjos (quatro nos capítulos 9-10 e sete no capítulo 20), que em 12,2-3. 39,12; 40,2; 61,12 e 71,7 são chamados “vigilantes”.

Os anjos caíram por uma dupla falta: uniram-se com as mulheres (caps. 6-15) e revelaram segredos perniciosos a humanidade (escritura, armas, encantamentos: 8-9). São chamados “vigilantes” por antonomásia (10,9.15; 12,4; 13,10; 14,1.3; 15,2; 16,1-2; 91,15). Seu castigo é duplo: por um lado, se veem privados de seus filhos (10.9-12) e sofrem

³⁰ CHARLES, 2004, p. 163.

um confinamento nas entranhas da terra (10,5; 88,3). Por outro, são definitivamente castigados no fogo eterno (10,6-13; 90,20-24). Segundo capítulo 19, enquanto esperam o juízo final, podem adotar diversas formas (espirituais), e sua tarefa consiste em tentar os homens, forçando-os a sacrificar aos demônios. Estes últimos são outros “maus espíritos”, diferentes dos anteriores, embora também oprimam e combatem aos homens (15,10). São as almas dos gigantes mortos (os filhos dos vigilantes e das mulheres). Que os anjos caídos e os demônios são duas classes distintas pode deduzir-se de 99,7.

C) Sobre a origem do mal

Este problema tem uma dupla resposta em 1 Enoque: No livro dos vigilantes (e também fundamentalmente nas Parábolas), a origem do mal é esclarecida a partir da tradição de Gn 6,1-4. O mal no mundo tem uma causa supra-humana: são os anjos que perverteram a ordem divina e se colocaram sob o domínio de Satanás (53.3). Este ato produz uma contaminação angélica que tende a estender-se por si mesma em direção à natureza e o homem. São, pois, os anjos quem tem introduzido o mal no mundo ensinando a injustiça e desvendando segredos (8-10). Especialmente tem sido o ensino da escritura (69,6-11) a que tem pervertido a ordem natural, pois não “tem sido criados os homens para semelhante coisa: com pluma e tinta fortificar sua fé”. Os autores de ambos os livros parecem contar que no homem haja uma disposição congênita para o mal. A consequência é a morte, pois se o ser humano houvesse “permanecido justo e puro, a morte, que tudo aniquila, não haveria alcançado”. Em nenhuma das sessões de 1 Enoque aparece a noção de pecado original humano. É verdade que em 32,6 Adão e Eva são expulsos do paraíso por haver gostado da árvore proibida, mas não se especifica que, como consequência deste ato primogênito de desobediência, se tenha estendido o pecado sobre a terra, transmitindo-se de geração em geração.

Deus não elimina o mal, pois – como temos visto – tolera a existência de satanás, os espíritos dos gigantes (demônios) e as perversas operações dos anjos caídos. Apesar da tendência ao determinismo (tudo está escrito nas “tábuas celestes”: 81,1; 93,2; 106,19), o autor contempla

a liberdade em todos os âmbitos: anjos, homens e inclusive as estrelas (que podem desviar-se de sua rota: 18.15). A salvação é pura vontade do homem que elege a justiça. Mas os justos são poucos em números; em geral, existe um forte contraste entre a obediência a Deus da natureza e o comportamento da maioria pecadora (caps. 2-5; 100,6-7). No livro dos ensinamentos e castigos (Epístola de Enoque) não aparece a origem celeste do mal/pecado, mas destaca com força a natureza humana do mal e as péssimas consequências da liberdade. Em 98.4, lemos: “O pecado não foi enviado a terra, mas os homens o criaram de si mesmos”.

D) Sobre a vida após-morte e ressurreição

O *sheol* está situado, segundo 22,1, no oeste (concepção egípcia); segundo o resto do livro, embaixo da terra (concepção hebraica e grega): 63,10. No Livro dos vigilantes se descreve cuidadosamente o *sheol*. Este tem deixado de ser, como em geral é no AT, a morada eterna de todos os mortos, lugar de esquecimento e silêncio onde aqueles levam uma vida de sombra (reflexo desta concepção pode-se ver em 9,10). Agora, pelo contrário, o *sheol* é um estado intermediário para os justos ou um lugar de castigo para os pecadores. Em 22,5 aparece dividido em quatro sessões. As duas primeiras são para os justos. Depois de certo tempo sairão de lá e receberão uma recompensa eterna em outro lugar. Os pecadores que não sofreram nenhuma pena durante sua vida sairão também de lá e irão à *geena* (27,2), onde sofrerão um castigo pior e sem fim (caps. 26-27). Outros pecadores que sofreram algo durante sua vida permanecerão no *sheol* com sofrimentos atenuados. No Livro das Parábolas o *sheol* devolve todos seus tesouros (corpo e alma dos mortos) para serem julgados pelo Messias (51,1). Os judeus apóstatas e outros pecadores serão castigados, provavelmente, em outro lugar: a *geena* (48,9; 54,1-2; 62,12 = castigo temporal; 27,2; 90,26 = castigo eterno).

Na sessão 5ª (91-105) se fala de um *sheol* a que também descem as almas dos justos que esperam o julgamento (102,5) e de um “lugar de castigo” (provavelmente a *geena*) de fogo ardente (91,9), onde serão castigados (espiritualmente?: 98,3) os judeus apóstatas e os pecadores em geral. Na conclusão (108,3-6), a *geena* é também o castigo (somente dos espíritos? v.6) dos pecadores. Trata-se de um escuro e caótico deserto de

fogo, que tem as mesmas características do lugar flamejante da punição das estrelas desobedientes de 18,13 e 21,3.

A crença na Ressurreição permeia praticamente todos os estratos de 1 Enoque, mas cada um introduz suas precisões. No Livro dos vigilantes se diz expressamente que todos ressuscitarão – menos a quarta classe de pecadores – para prêmio ou castigo eterno. Em 10,17 (e 5,9) supõe-se uma época de bem-estar terrestre para os justos israelitas (um tipo de “milenarismo” indefinido), de onde se pode deduzir que a ressurreição é também corporal, ao menos para estes privilegiados. No Livro dos sonhos (83-90), a concepção é semelhante enquanto a felicidade do reino messiânico, mas a elas se unem todos os gentios justos (90,33), que também ressuscitam. O Livro das Parábolas afirma claramente (51,1) uma ressurreição de todos, justos e injustos, israelitas ou não, provavelmente também corporal, para logo submeter-se ao julgamento do Messias. A sessão 5, especialmente 91-94, parece dar a entender que só ressuscitarão as almas dos israelitas piedosos. Até este momento tem dormido o “sonho dos justos”, vigiados pelos anjos (100,5), e logo ascenderão ao céu, onde gozarão de uma felicidade espiritual e eterna.

E) Sobre o Messias, o juízo e o reino messiânico

Só em três sessões de 1 Enoque aparece a figura do Messias, e em duas delas rapidamente. Em 105,2 se afirma, fora de todo contexto (alguns veem aqui uma interpolação), a habitação de Deus e de seu filho, o Messias, entre os justos. No Livro dos sonhos (90,37), um touro branco, que logo se converte em um antílope, é a representação do Messias. Nasce da mesma comunidade, é um mero homem (nada se diz de sua preexistência) e aparece depois do julgamento. Tem como missão governar a comunidade dos justos e diante dele todas as nações tremem. Esta concepção é similar a de SalSI 17. A sessão messiânica por antonomásia em 1 Enoque é o Livro das Parábolas. Aqui aparece o Messias com os títulos “Justo”, “Eleito” (53,6; 40,5), “juiz” e especialmente com o de “Filho do homem”.

O Messias das Parábolas é um ser preexistente (48,2-3; 62,7) e espera a hora de sua manifestação permanecendo junto ao “Ancião de dias” ou “Princípio de dias”, quer dizer, preexistente por antonomásia (Deus): 46,1-2. Ele é o receptáculo de todos os dons divinos e nele habita os espíritos de

sabedoria, força e justiça (49,3; 52,3.6). Atua como revelador dos tesouros celestes (46,3), como vingador dos justos diante dos pecadores (39,7; 48,4; 51,5) e como Juiz de todos. Sentado no trono de sua glória (55.4), julgará tanto os anjos (69,27) como os humanos (61,8-13). Uma tradição especial, que está associada a coleção em Sab 4,1-15, faz que Enoque, após sua ascensão aos céus, se transforme no Filho do homem (71,14), teoria certamente estranha ao autor das Parábolas. Foi interpretado como que Enoque é realmente “Filho do homem”, quer dizer, o Messias encarnado no corpo celeste de Enoque, ou como uma comparação de ambos personagens com base na requintada justiça de ambos: “Tu, Enoque, eres (como) um Filho do homem que nasceste em retirão”. Na opinião de Suter, este fragmento reflete o desenvolvimento de outra tradição que será refletida em 3 Enoque. Neste texto, Enoque aparece como o “eleito” (6,3) e se transforma no Metatron ou vice-rei celeste do Altíssimo³¹.

O Livro de 1 Enoque é valiosíssimo para o nosso estudo. Como foi dito anteriormente, 1 Enoque, influenciou fortemente a teologia judaica, tendo seus reflexos no Novo Testamento e no Cristianismo Primitivo. As citações feitas por Judas em sua epístola nos versículos 14 e 15 é reflexo de 1 Enoque 1-6. A citação de 2 Pe 2,4 é reflexo de 1 Enoque 6-10. É também de 1 Enoque 6-7 entrelaçado com Gn 6,2, que desenvolveu-se a ideia do pecado original dos anjos e o nascimento dos gigantes. A seguir, demonstro algumas influências e alusões de 1 Enoque nos textos do Novo Testamento:

A) Evangelho de Mateus³²

Mt 19,28 [...] o Filho do Homem se assentar no trono de sua glória [...] é semelhante a 1 En 62,5: *Quando o Filho do Homem sentar no trono da sua glória.*

Mt 19,28 [...]: “também vos assentareis sobre doze tronos” é possivelmente uma alusão a 1 En 108,12: *Eu assentarei cada um no seu trono.*

³¹ Toda essa sessão foi extraída de: DÍEZ MACHO, Alejandro. *Introducción General a Los Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984, p.26-31.

³² As citações bíblicas foram extraídas de: Bíblia Sagrada, *Revista e Corrigida*. São Paulo: SBB, 1995.

Mt 19,19 [...] “herdará a vida eterna” é semelhante a 1 En 40,9: *herdará a vida eterna*.

B) Evangelho de João

Jo 5,22 – E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo juízo é provavelmente uma alusão a 1 En 69,27: *O julgamento foi dado ao Filho do Homem*.

C) Carta aos Romanos

Rm 8,38 – Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente nem o porvir. Possivelmente influência de 1 En 61,10 principados, potestades.

D) 1 Timóteo

1 Tm 6,15 – a qual, a seu tempo, mostrará o bem-aventurado e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores. Possível referência a 1 En 9,4: *Rei dos reis e Senhor dos senhores*.

E) Apocalipse

Ap 20,13 – E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. Provável referência a 1 En 51,1: *e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia*.

O Cristianismo surge neste ambiente teológico e dele absorve e reinterpreta seus conteúdos. Há muitas outras alusões e paralelos verbais do Livro de Enoque com o Novo Testamento. Alguns exemplos: Lc 16,9 com 1 En 63,10; Lc 21,28 com 1 En 51,2; Cl 2,3 com 1 En 46,3; Hb 11,5 com 1 En 70,1-4; 1 Pe 1,2 com 1 En 1,2; Jd 14,15 com 1 En 1,9 e 60,8; Ap 5,11 com 1 En 14,22; Ap 15,3, 17,14 e 19,16 com 1 En 9,4; Ap 15,3 com 1 En 25,5 e 27,3³³.

³³ O Novo Testamento Grego. Índice de Alusões e Paralelos Verbais. 4 ed. São Paulo: SBB, 2008, p. 749.

Díez Macho observa que alguns destes contatos entre o NT e 1 Enoque são leves e reduzem a um uso comum de sintagmas com conteúdo teológico similar, o que pode indicar simplesmente a procedência, igualmente comum, de uma mesma atmosfera espiritual. A respeito dos contatos do Livro das Parábolas, especialmente ao que se refere ao Filho do homem e a união deste com as figuras de Juiz-Messias-Eleito-Rei-Servo de Javé – de tal importância transcendental teológica em 1 Enoque e nos Evangelhos Sinóticos, ao menos o que pode dizer-se é que ambos corpus procedem do mesmo âmbito teológico judaico, que avança sobre as concepções de Dn 7. Sendo altamente provável que as Parábolas sejam pré-cristãs, podemos afirmar que nos encontramos aqui com raízes judaicas de tais concepções em Jesus e os evangelistas, embora isto não signifique afirmar uma dependência direta do NT a respeito das Parábolas. Descartada, com sem probabilidade, a influência cristã nas Parábolas, é enfaticamente claro que a teologia messiânica de Jesus e os Sinóticos, não é uma novidade radical em relação ao Antigo Testamento e ao judaísmo helenístico, mas sim uma continuidade das doutrinas dos círculos apocalípticos³⁴. Se não podemos afirmar categoricamente sobre esses aspectos teológicos não podemos ignorar sua influência nos textos e teologias do Novo Testamento.

3.2 Assunção ou Testamento de Moisés

Publicada em 1861 em um único manuscrito latino, A. Cerian deu-lhe o título de “Assunção de Moisés”; mas caiu-lhe melhor o título de “Testamento de Moisés”, uma vez que contém uma reelaboração de Dt 31-34, na qual narra o anúncio da morte do grande legislador e as palavras que pronunciou antes de morrer³⁵. Este livro é um trabalho apocalíptico onde Moisés revela a Josué os fatos da invasão das tribos na Palestina no fim dos dias. Foi redigido apenas em latim, mas é provável que tenha existido tanto a edição grega quanto a hebraica³⁶. O motivo de incluir este livro neste estudo é que é conhecido desde os tempos de

³⁴ DÍEZ MACHO, 1984, p. 32.

³⁵ PÉREZ, Gonzalo Aranda. *Apócrifos do Antigo Testamento*, em *Literatura Judaica Intertestamentária*. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2000, p. 267.

³⁶ OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003, p. 302.

Orígenes (*De Principiis* 3,2,1), a história da disputa do arcanjo Miguel e Satanás a respeito do cadáver de Moisés citado em Judas 9, em que foi tirado de uma Assunção de Moisés apócrifo³⁷. Os fragmentos desse livro não contém esta parte; mas como é citado por Judas, é possível que esta lenda fosse amplamente conhecida entre os judeus e cristãos.

3.3 Janes e Jambres

De acordo com Orígenes, havia um livro ainda não descoberto chamado o livro de Janes e Jambres³⁸. Embora haja discussões se o livro, de Janes e Jambres é de origem judaica ou cristã³⁹, e as tradições encontradas serem cheias de contradições, impossibilidades e anacronismos⁴⁰, não podemos ignorar a citação de 2 Tm 3.8 onde seus nomes são mencionados. Schürer comenta que como o nome de Janes era conhecido tão cedo como escreve Plínio, e como é provável que esses personagens anônimos devessem seus nomes e particularidades antes de tudo ao livro apócrifo, talvez possamos aventurar-nos a colocar a data de composição deste trabalho no período pré-cristão⁴¹.

Mesmo não havendo citações deles no Antigo Testamento, eles ocorrem em uma data relativamente cedo nas lendas, e são conhecidos não apenas dos judeus, mas também nos círculos gentios e cristãos como os nomes dos famosos mágicos egípcios que de acordo com Êx 7,11,12 realizaram milagres diante de Faraó iguais ao de Moisés e Arão, mas que no fim foram vencidos⁴². Este breve relato sobre este o suposto livro de Janes e Jambres, serve para ilustrar como o Cristianismo Primitivo estava encharcado das tradições judaicas⁴³.

³⁷ SCHÜRER, 1997, p. 368.

³⁸ RUTHERFUD, John, in ORR, James. *International Standard Bible Encyclopedia*. Chicago: Howard-Severance Company, 1915, p. 1568.

³⁹ PIETERSMA, A; LUTZ, R.T. *The Old Testament Pseudepigrapha*. vol. 2. New York: Doubleday, 1997, p. 433.

⁴⁰ RUTHERFUD, 1915, p. 1568.

⁴¹ SCHÜRER, Emil. *The Literature of the Jews in the time of Jesus*. New York: Schocken, 1973, p. 149.

⁴² SCHÜRER, 1973, p. 149.

⁴³ Para outras informações: PIETERSMAN, Albert. *The Apocryphon of Janes and Jambres the Magicians*: P. Chester Beatty XVI (with New Editions of Papyrus Vindobonensis Greek), Brill Academics Publishers, 1997.

3.4 Jubileus

Na opinião de Pérez, sob o ponto de vista teológico, Jub (como é conhecido) é um dos livros mais importantes da literatura apócrifa, tanto pelo conteúdo quanto pela influência que exerceu em obras posteriores⁴⁴. Charles declara que Jubileus é dos livros mais importantes para o estudante da religião e que sem ele dificilmente poderíamos ter imaginado tal supremacia absoluta da lei como encontra expressão neste livro⁴⁵. Otzen faz o seguinte comentário sobre Jubileus: uma reprodução do Gênesis acrescido de um sumário do começo do Êxodo, com seções sobre angelologia, apocalíptica e, principalmente, leis e regras relativas ao culto e, uma característica importante, é o cálculo cronológico do trabalho: o tempo tratado é dividido em cinquenta “jubileus”, isto é, períodos de 7 vezes 7 anos⁴⁶. Foi pela primeira vez publicado por A. Dillmann, em 1859⁴⁷. Para Díez Macho, Jubileus é uma reelaboração de Gn 1-Ex 12, uma obra tipicamente apocalíptica, embora alguns inapropriadamente o classifique como *midrash* de Gênesis, com toda probabilidade se deve aos círculos protoessenios ou prequamranicos⁴⁸.

Na opinião de Charles, a obra constitui um Targum ampliado em Gênesis e Êxodo, no qual as dificuldades na narrativa bíblica são resolvidas, lacunas supridas, elementos dogmaticamente ofensivos removidos e o genuíno espírito do judaísmo posterior infundido na história primitiva do mundo. Seu objetivo era defender o judaísmo contra os ataques do espírito helenístico que havia ascendido uma geração antes e ainda era poderoso, e para provar que a lei tinha uma validade eterna⁴⁹.

Importante para nosso estudo é Jubileus 49, que trás um relato da primeira Pessach naquela noite trágica no Egito. Acima fiz o seguinte questionamento: como explicar a presença de vinho na Pessach no Novo Testamento? A resposta está em Jubileus 49,2.6. Em Jubileus 49,2 há alguns detalhes curiosos: primeiro, há o aspecto “alegria” que é mais

⁴⁴ PÉREZ, 2000, p. 302.

⁴⁵ CHARLES, 2004, p.1.

⁴⁶ OTZEN, 2003, p. 300.

⁴⁷ SCHÜRER, 1997, p. 405.

⁴⁸ DÍEZ MACHO, 1984, p. 82.

⁴⁹ CHARLES, 2004, p. 1.

característico de Sucot e não de Pessach. Em segundo lugar, o autor de Jubileus nomeia o anjo da morte como Mastema. Porque há alegria nas casas dos israelitas no Egito durante a tenebrosa passagem de Mastema? O cap. 49,6 diz: “E todo Israel estava comendo a carne do cordeiro pascal, e bebendo o *vinho*, e estava festejando [louvando], e bendizendo, e dando graças ao Senhor Deus de seus pais, e estavam prontos para sair do jugo do Egito, e da maligna escravidão”. Esta é a primeira vez que é citado “*vinho e alegria*” durante a Pessach no Egito. É pela influência de Jubileus que o vinho passará fazer parte das celebrações de Pessach até os dias atuais.

3.5 Os Testamentos dos Doze Patriarcas

Os Testamentos dos doze Patriarcas é na verdade uma coleção de testamentos atribuídos aos doze filhos de Jacó que, em seu leito de morte, adverte seus descendentes e prediz acontecimentos que estão por vir. O trabalho combina instrução ética com apocalíptica e a coletânea parece ter sido composta na Palestina no século I ou II a.C.⁵⁰. O trabalho é conservado inteiramente em grego, e foi publicada pela primeira vez por J.E. Grabe em *Spicilegium SS. Patrum et Haereticorum saeculi post Christum natum* I, II & III (Oxford 1698 e 1714), depois de ter sido divulgado a partir do início do século XVI, em uma tradução latina de Roberto Grossatesta do século XIII⁵¹.

Díez Macho afirma que Os Testamentos dos Doze Patriarcas estão permeados pelo dualismo e oposição entre o espírito do bem e o espírito do mal, dualismo que reflete na vida dos humanos⁵². Nesta perspectiva, alguns aspectos são interessantes para o Novo Testamento. Por exemplo, a ideia de possessão demoníaca parece estar presente no Testamento de Rúben 3,2-8⁵³ onde é relatado que os “espíritos do erro” possuem os homens quando estes se afastam de Deus. O Testamento de Judá cap. 20.2 diz “Sabei meus filhos! Existem no homem dois espíritos, o espírito da

⁵⁰ OTZEN, 2003, p. 304.

⁵¹ SCHÜRER, 1997, p. 1008.

⁵² DÍEZ MACHO, 1984, p. 108.

⁵³ PROENÇA, Eduardo de (org), *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*, Fonte Editorial, São Paulo, 2010, p. 336-337.

verdade e o espírito do erro”⁵⁴. Parece-nos que essa ideia fazia parte do imaginário popular judaico e cristão do século primeiro, pois tudo indica que este texto do Testamento de Judá é refletido em 1 João 4.6 onde diz: “Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o Espírito da verdade e o Espírito do erro”.

Na introdução ao Livro dos Doze Patriarcas, Charles comenta que o principal e avassalador valor do livro está em seu ensino ético, que alcançou uma imortalidade real, influenciando o pensamento e na articulação dos escritores do Novo Testamento, e até mesmo aqueles de nosso Senhor. Este ensinamento ético, que é muito mais elevado e mais puro do que o do Antigo Testamento, é ainda o seu verdadeiro filho espiritual e ajuda a corrigir o abismo que divide a ética do Antigo e do Novo Testamento⁵⁵.

Conclusão

Procurei demonstrar neste artigo a importância da literatura Apócrifa e Pseudepígrafa do Antigo Testamento para uma adequada compreensão das origens do Cristianismo Primitivo e suas relações com o Novo Testamento. Apesar disso, fica a incerteza de Henze quanto à utilidade dos escritos Pseudepígrafos: “É duvidoso que os Pseudepígrafos mudarão a maneira que os estudiosos leem a Bíblia Hebraica e, neste aspecto, o impacto dos Pseudepígrafos será bastante limitado, para dizer, o mínimo”⁵⁶.

Apesar da desconfiança, Henze comenta⁵⁷ que há, no entanto, algumas áreas específicas em que um maior conhecimento e apreciação pela literatura não canônica do antigo Israel podem ser úteis. Cito duas delas: (para conhecer) o Judaísmo do Segundo Templo e sua diversidade, em segundo lugar, (para compreendermos) o início do Cristianismo que

⁵⁴ PROENÇA, 2010, p. 361.

⁵⁵ CHARLES, 2004, p. 282.

⁵⁶ HENZE, 2015, p. 52.

⁵⁷ HENZE, 2015, p. 52-57.

é produto do Judaísmo do Segundo Templo. Ele conclui dizendo que, qualquer avaliação do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo que se baseie apenas nos escritos canônicos corre o risco de estar gravemente distorcida e incompleta⁵⁸.

A pluralidade do Cristianismo Primitivo nos séculos I ao IV de nossa era é fruto da diversidade de sua matriz, os Judaísmos do Segundo Templo. O Cristianismo Primitivo, assim, como os Judaísmos do Segundo Templo, produziram uma extensa quantidade de textos de vários gêneros literários que não fazem parte do cânon do Novo Testamento. É possível nestes textos, denominados “Apócrifos e Pseudepígrafos do Novo Testamento”, perceber uma conexão literária com os Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento que Nogueira denomina de “redes textuais”⁵⁹. Isto demonstra que a produção literária do Cristianismo Primitivo com sua diversidade de gêneros literários não é uma característica inovadora, mas segue uma tradição literária proveniente do Segundo Templo.

Sendo assim, não considerar os Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento para uma adequada compreensão da formação do Cristianismo Primitivo e sua produção literária subsequente, é desprezar uma parte importante da história literária da fé judaica que influenciará significativamente a fé cristã e sua literatura. Finalmente, espero que este artigo contribua para uma mudança na postura tão depreciativa com os quais são tratados os Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo e Novo Testamento em relação aos textos canônicos.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. *Revista e Corrigida*. São Paulo: SBB, 1995.
CHARLES, R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Berkeley: Apocryphile Press, 2004.
COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 vols. São Paulo: Vida Nova, 2000.

⁵⁸ HENZE, 2015, p. 61.

⁵⁹ HENZE, 2015, p. 28.

- COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica*. Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.
- DÍEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Vols. I-V. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- FERNANDES, Miguel Pérez. *Literatura Judaica Intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.
- HENZE, Mathias, em NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Apocrificidade, o Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos, História e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- NEUSNER, Jacob, em HENZE, Matthias. *Os Pseudepígrafos do Antigo Testamento Hoje: os escritos do antigo Israel na pesquisa moderna*, em NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Apocrificidade, o Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Apocrificidade, o Cristianismo Primitivo para além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- OTZEN, Benedikt. *O Judaísmo na Antiguidade, A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PÉREZ, Gonzalo Aranda; MARTÍNEZ, Florentino García; FERNÁNDEZ, Miguel Pérez. *Literatura Judaica Intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.
- PIETERSMA, Albert; LUTZ, R. T. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol. 2. New York: Doubleday, 1985.
- PROENÇA, Eduardo de. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Vol. 1. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- ROST, Leonard. *Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- RUTHERFUD, John. *International Standard Bible Encyclopedia*, James Orr (Ed.), vol.4. Chicago: Howard-Severance Company, 1915.
- SCHÜRER, Emil. *Storia del Popolo Giudaico al Tempo de Gesù Cristo*. 3 vols. Brescia: Paideia Editrice, 1997.

_____. *The Literature of the Jews in the time of the Jesus*. New York: Schocken, 1973.

TASSIN, Claude. *O Judaísmo, do exílio ao tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Submetido em: 30/11/2017

Aceito em: 15/10/2018